



**UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO**  
**Unidade Acadêmica de Educação a Distância e Tecnologia**  
**Curso de Licenciatura em Letras/Língua Portuguesa**

**ASPECTOS SOCIOCULTURAIS DA VARIAÇÃO LINGUÍSTICA EM PRODUÇÕES  
TEXTUAIS ESCRITAS DE ALUNOS DO ENSINO FUNDAMENTAL II:  
POSSIBILIDADES DE ABORDAGENS DA VARIAÇÃO NO ENSINO DE LÍNGUA.**

**MÔNICA SANTOS DA COSTA REIS**

Trabalho apresentado à Universidade Federal Rural de Pernambuco, como requisito para a conclusão do Curso de Graduação em Licenciatura em Letras/Língua Portuguesa da Unidade Acadêmica de Educação a Distância e Tecnologia.

**Orientador(a):** Prof. Dr. José Temístocles Ferreira Júnior.

**Recife**

**2019**

# **ASPECTOS SOCIOCULTURAIS DA VARIAÇÃO LINGUÍSTICA EM PRODUÇÕES TEXTUAIS ESCRITAS DE ALUNOS DO ENSINO FUNDAMENTAL II: POSSIBILIDADES DE ABORDAGENS DA VARIAÇÃO NO ENSINO DE LÍNGUA.**

**Mônica Santos da Costa Reis**

Licenciatura em Letras UAEADTec/UFRPE  
Universidade Federal Rural de Pernambuco/UFRPE  
*monica\_costa1989@hotmail.com*

Professor Orientador do TCC: **Prof. Dr. José Temístocles Ferreira Júnior**

Licenciatura em Letras UAEADTec/UFRPE  
Universidade Federal Rural de Pernambuco/UFRPE  
*josetemistocles@yahoo.com.br*

## **RESUMO**

O objetivo deste trabalho é fazer algumas reflexões a respeito dos pressupostos sociolinguísticos relacionados à variação linguística, abordando os aspectos culturais, geográficos e situacionais (contextuais) em produções textuais de alunos do oitavo ano do ensino fundamental a partir da relação entre oralidade e escrita, situadas em um contínuo relacionado aos usos formais e informais da língua. O trabalho apresentará como respaldo os estudos de Marcuschi (2001), Bagno (1999), Passarelli (2012), Koch e Elias (2009), Neves (2009) e os trabalhos de Deus (2017), Gonçalves (2001) e Coelho, Izete Lehmkuhl (2010). A partir da coleta de dados foram solicitadas produções textuais escritas dos educandos e aplicado questionário para análise e relação entre oralidade e escrita, relacionadas à variação linguística. Com isso, foram avaliadas variações na dimensão interna e externa da língua, tendo conhecimento de que retomar a prática a que se refere é resultado dos dialetos culturais que acompanham a vida das crianças enquanto educação “doméstica” e dos adultos, uma vez que são hábitos peculiares de diversificação dos sistemas de uma língua e, os alunos acabam acostumando-se com essas expressões, se distanciando das regras gramaticais próprias ao texto sugerido. Logo, a análise trouxe dados significativos em relação aos aspectos socioculturais da variação linguística com a presença de variantes na escrita dos discentes. Nossas discussões mostram que as escolas como instituições

responsáveis pela formação crítica e autônoma desses estudantes precisam trabalhar em sala de aula a existência das variações linguísticas, bem como a importância do uso da norma culta em situações em que se exige a utilização da norma culta da língua. O fato é que no dia a dia nos deparamos com os dois tipos de situações e tanto a língua falada como a língua escrita são modalidades de representação da língua e precisam ser discutidas como duas práticas sociais de manifestação textual-discursiva e não de forma dicotômica, com a supremacia de apenas uma norma linguística.

**Palavras-chave:** Variação linguística. Aspectos socioculturais. Ensino de língua.

## 1. Introdução

Com o intuito de discutir aspectos culturais, geográficos e situacionais relacionados à variação linguística em produções textuais dos alunos do oitavo ano do ensino fundamental, a partir das relações entre oralidade e escrita, situadas em um contínuo relacionado aos usos formais e informais da língua, os estudos buscaram contribuir para o conhecimento da heterogeneidade linguística presentes no ambiente escolar. Esse estudo servirá para docentes refletirem sobre a sua prática em sala de aula, de modo a redirecionarem atividades que levem os estudantes a refletirem sobre a oralidade e a escrita em textos escritos formais.

Desse modo, entender a língua como atividade social no meio interacional é compreender que ela apresenta variações, na fala e na escrita, manifestas em diferentes contextos de comunicação. Essa concepção é relevante e redireciona o sujeito para alguns questionamentos diante da adequação da linguagem ao contexto situacional, como por exemplo, ao cogitar que a nossa gramática é considerada como “um português muito difícil”.

Será esta realmente a causa das marcas da oralidade em produções textuais que precisam ser produzidos com uma linguagem formal? Este é um mito conforme aponta Bagno (1999), presente no Brasil, construídos por diversas questões. Uma delas está ligada à separação relativamente radical entre a língua falada e a língua escrita. Quando esses aspectos linguístico-textuais não são abordados em sala de aula na teoria e na prática acontece essa confusão entre língua e gramática.

O objetivo principal da pesquisa de campo articulado ao eixo de ensino de língua portuguesa na análise linguística em produção textual é uma análise das produções textuais

e de questionário sociocultural, desenvolvidos por estudantes do oitavo ano do ensino fundamental, em um colégio da Rede Municipal de Ensino da cidade de Surubim/PE. Assim, a pesquisa buscou focar em aspectos textuais da língua escrita em meio a uma gramática codificada, como explica Marcuschi (2001), as relações linguísticas entre essas duas modalidades estão presentes no dinamismo, uma vez que não temos conhecimento das características de ambas, mas o que conhecemos são predicados de um sistema normativo da língua.

## **2. Referencial teórico**

O presente artigo teve como respaldo os estudos de Marcuschi (2001), Bagno (1999), Passarelli (2012), Koch e Elias (2009) e Coelho, Izete Lehmkuhl (2010), além do apoio dos trabalhos de Deus (2017) e Gonçalves (2001), teóricos que abordam importância da pesquisa e o conhecimento da heterogeneidade da língua e as variantes tão presentes em nossa sociedade. Nesta ótica, realizar estudos que ajudam a refletir sobre os aspectos textuais-discursivos e comunicativos da língua materna proporciona um olhar mais de “relação”, ao invés de supremacia da escrita para a fala.

Marcuschi (2001, p. 28) apresenta um olhar contrário a esta dicotomia: “a perspectiva dicotômica estrita tem o inconveniente de considerar a fala como lugar do erro e do caos da gramática, tomando a escrita como o lugar da norma e do bom uso da língua, seguramente, trata-se de uma visão a ser rejeitada.” Nesse encontro, analisar a fala e a escrita como distinções dicotômicas é ir a desencontro das variedades linguísticas distintas. Oralidade e escrita são representações da língua em diferentes contextos sociais, para uma comunicação plena entre leitor/escritor, locutor/interlocutor.

Essas variações no modo de falar de cada um, por vezes, provocam o preconceito, outras apenas o diferencial, mas o interessante está na transcrição de palavras produzidas na oralidade, porém transcrita para a escrita em textos formais. Essas marcações orais durante a interação discursiva foram alvo de análise linguística. De acordo com Passarelli (2012), essa prática não consiste apenas em um conflito sobre o uso da linguagem, mas de uma crise na capacidade de estruturar adequadamente um texto. O aluno precisa ter conhecimento das funcionalidades da língua, e uma boa estratégia de ensino para isso seria acentuar com mais frequência na escola a prática da leitura e interpretação de diferentes

gêneros textuais, realizando momentos de interação em sala de aula, contextualizando-os, fazendo uma correlação com os textos que eles estão acostumados a ler etc.

## **2.1 A dicotomia entre fala e escrita**

A língua, seja na modalidade escrita ou falada, é a representação de uma sociedade em suas mais complexas relações de aceitabilidade e discriminação pelas variantes linguísticas presentes em nosso meio, no entanto, mesmo com uma tradição escrita, a fala é bem mais utilizada em situações sociodiscursivas. Todavia, fala e escrita são contextualizadas, e o que distingue uma da outra, enfatiza Marcuschi (2001), é o envolvimento situacional, ou seja, na fala utilizamos de gestos, movimento corporal, de expressão etc., a escrita tem um caráter de um afastamento, não podendo o leitor chegar a identificar a autoria de um texto, por exemplo.

O ensino de língua nesta perspectiva necessita deste olhar e compreensão para discutir em sala de aula esta dimensão linguística, para o uso adequado e contextualizado em situações formais e informais. Levando-os ao desenvolvimento de suas habilidades nas duas modalidades que se dá em um contínuo durante o processo de comunicação. Essa prática é relevante, pois possibilita o docente trabalhar de forma contextualizada as duas concepções de língua, levando os alunos à compreensão de que entre essas duas modalidades o que se distingue, segundo Marcuschi (2001), é o conhecimento e a capacidade cognitiva. Uma vez que quem domina a escrita pode, eventualmente, ter acesso a um maior número de conhecimento, no entanto, isso não é motivo de desprestígio, é uma realidade existencial.

## **2.2 Gramática e o uso linguístico nas escolas**

A escola como responsável pela formação ética e profissional do indivíduo que o direcionará para utilizar o conhecimento de forma ativa na sociedade, é a principal responsável pelo aprendizado dos alunos em se tratando do ensino de língua materna, a respeito das variações linguísticas existentes.

Em se tratando de ensino, no que diz respeito à concepção de língua e gramática, as escolas ainda apresentam um ensino voltado para um sistema da língua, tido como

homogêneo e fragmentado. Já para a gramática em sua representação seja escrita ou falada é apresentado um sistema de regras estruturais que apresenta os níveis: fonológico, morfológico, sintático e semântico. Contudo, esses estudos são realizados fora de contexto e as atividades didáticas desenvolvidas não envolvem o uso real da língua, mas estudos pautados em aplicação de regras, sobre o uso certo ou errado da gramática padrão. Assim define Neves (2009, p. 44):

[...] de um lado é possível entender-se que a língua (especialmente se tida como monolítica) pode sustentar a identidade de uma sociedade e frear sua fragmentação, mas, por outro lado pode-se entender que a diversidade social há de configurar uma língua não monolítica, a serviço da diversidade, sem estabelecer-se uma relação necessária com fragmentação [...].

Nessa compreensão, as escolas preservam pelos parâmetros gramaticais da norma padrão, realidade esta que se perpetua por séculos com um currículo voltado para norma-padrão da língua portuguesa, ligada ao estudo do texto sobre a língua e, ao estudo da língua. Para a modalidade oral se atribui o desprestígio, a imperfeição, logo o aluno necessita ter domínio na escrita seguindo a modalidade linguística do professor. É como se na fala não houvesse a modalidade-padrão, e ter conhecimento sobre ela não fosse desejável para adequação da linguagem em diferentes contextos.

Essa visão precisa ser excluída. De acordo com Neves (2009), a escola precisa oferecer vivências de língua materna : língua falada e língua escrita, língua padrão e não padrão, compreendidas em um contínuo e não dicotomia ou como atividade de competição ; é preciso vivenciar a língua em sua plenitude : falar, ler e escrever.

### **2.3 Aspectos formais e informais da língua em produção textual**

É comum alunos utilizarem uma linguagem não formal em sala de aula, e essa prática é habitual de sua cultura familiar, faz parte da sua bagagem de conhecimento e configura a língua para o seu contexto situacional. Mas, será que esta linguagem está propriamente correta para os discursos realizados em sala de aula? Bagno (1999, p. 52) assevera que “nenhuma língua é falada do mesmo jeito em todos os lugares, assim como nem todas as pessoas falam a própria língua de modo idêntico”.

O linguista, Bagno, apresenta uma concepção ainda não aceita em nosso país e, é alvo de críticas por alguns estudiosos e cientistas do ensino tradicional da norma culta da

língua portuguesa. O fato é que tanto a escrita como a fala são representações da língua, contudo são produzidas de forma distintas, é uma prática recorrente que ocorre com traços peculiares de um grupo de pessoas, de uma comunidade, de uma região, etc. Essa forma de falar não está errada, porém, Bagno (1999, p. 52-53) enfatiza que:

É preciso ter conhecimento da linguagem formal, já que é preciso ensinar a escrever de acordo com a ortografia oficial, mas não se pode fazer isso tentando criar uma língua falada “artificial” e reprovando como “erradas” as pronúncias que são resultado natural das forças internas que governam o idioma.

De acordo com Passarelli (2012), essa prática não consiste apenas em um conflito sobre o uso da linguagem, mas de uma crise na capacidade de estruturar adequadamente um texto. O aluno precisa ter conhecimento das funcionalidades da língua, e uma boa estratégia de ensino para isso seria acentuar com mais frequência na escola à prática da leitura e interpretação de diferentes gêneros textuais, realizando momentos de interação em sala de aula, contextualizando-os, fazendo uma correlação com os textos que eles estão acostumados a ler etc.

## **2.4 Tipos de variação Linguística**

A língua é uma prática social que apresenta variações decorrentes de contextos sociais de uso, tais como localização geográfica, escolaridade, mudanças de registro, faixa etária, sexo, profissão etc. Essas variações ocorrem porque a língua é heterogênea e sofre alteração por fatores sociais. Além disso, essas mudanças ocorrem na língua por fatores geográficos, sociais, situacionais, ou seja, são características específicas dos falantes de um idioma.

A variação regional ou diatópica, por exemplo, ocorre em função de fatores sociais revelando a origem de uma pessoa a partir do seu modo de falar, tomando-se possível identificar se trata de um gaúcho, um mineiro, um paulista ou um nordestino, etc. Para isso é utilizado padrões lexicais particulares, certas entonações e traços fonológicos. Essa variante é associada a países, regiões, estados e cidades, diferenciando-se na pronúncia fonética das palavras.

Na variação diafásica as características variantes também irão depender dos diferentes modos de falar em um contexto situacional e, esses registros são aplicados durante a interação entre os sujeitos. Esses estilos linguísticos utilizados na comunicação

acontecem tanto na fala, como por meios de gêneros textuais: o bilhete, o e-mail, a carta, etc. A língua apresenta diferentes papéis sociais na sociedade durante o processo de interação a qual necessita ter diferentes domínios sociais para estar em conformidade com a ação comunicativa, seja em um ambiente de trabalho, na igreja, com os amigos, etc. “Os papéis sociais que desempenhamos vão se alterando em conformidade com as situações comunicativas (entre professor e aluno, patrão e empregado, pais e filhos, irmãos etc).” (COELHO IZETE et al, 2010, p. 82)

Esses papéis sociais são reportados por fatores socioculturais presentes na sociedade e, essa adequação estilística promove a compreensão e domínio do sujeito em sua prática comunicativa, utilizando da linguagem formal e informal em diferentes contextos sociais. Esses registros da língua, no entanto, precisam de um olhar de adequação e não de prestígio, uma vez que são modos de falar que decorre por situações de maior ou menor formalidade, sendo o contexto fator determinante para a adequação.

A variação social ou diastrática, nesse tipo de variação a característica determinante da variante são as características sociais do falante, com o grau de escolaridade, o nível socioeconômico, o sexo/gênero, a faixa etária e mesmo a profissão dos falantes.

- **Níveis linguísticos**

Assim como os condicionadores externos da língua promovem os tipos de variação no português Brasileiro, a dimensão interna (linguística) também é resultado dessas variações, por exemplo, no campo léxico há alguns casos de variação no campo da alimentação que difere de falantes oriundos de regiões, cidades ou países diferentes, ao pronunciar jerimum ao invés de abóbora, mandioca conhecida também por aipim ou macaxeira, etc., em outros campos: toaleta/banheiro, negócio/venda, dentre outros.

No nível fonológico é comum encontrar as trocas de fonemas /l/ por /r/ como, por exemplo, brusa (por blusa), pranta (por planta), grobo (por globo), etc. São variantes comuns de serem encontradas tanto na fala como na escrita. Outro caso de variação fonológica bastante comum no Português Brasileiro é a “troca de <lh> por <i>, num fenômeno chamado de despatalização, ou seja, perda de palatalização (<lh> passa para <l>: palha > palia),



seguida de **iotacismo** (evolução de um som para a vogal /i/, ou para a semivogal correspondente: palia > paia). (COELHO IZETE et al, 2010, p. 54).

Nos campos morfológico e sintático, também é possível observar algumas diferenças entre essas duas variedades, por exemplo, na alternância entre os pronomes tu e você, nós e a gente, e, em algumas construções frasais de variação sintática, exemplificadas pelas autoras por:

Construções relativas: filme a que me referi é muito bom/ O filme que me referi é muito bom/ O filme que me referi a ele é muito bom. Preenchimento do sujeito anafórico: Nós fomos à praia/Ø Fomos à praia/A gente foi à praia/ Ø Foi à praia. Posição do clítico: Eu vi-o no cinema/Eu o vi no cinema. Construções passivas versus índice de indeterminação do sujeito: Alugam-se casas/Aluga-se casas. ( COELHO IZETE ET AL, 2010, p. 62).

O uso dessas construções frasais é frequente, utilizadas no dia a dia, tendo como condicionante dessa variação as pessoas do discurso que conduzem uma conversação, buscando adequar a linguagem ao contexto.

Ter conhecimento sobre todos os dialetos é um papel da escola em transmitir para os alunos o conhecimento dos sistemas linguísticos sobre a língua padrão e não padrão, isso por exigência de uma sociedade discriminatória. Por isso a necessidade de transmitir esse conhecimento em sala de aula, permitindo que os alunos reflitam sobre a capacidade de expressão que cada um precisa ter na fala e na escrita, levando-os ao conhecimento das variações linguísticas presentes no português Brasileiro. Essa informação permitirá compreender que a fala é uma variação da língua e, portanto, precisa ser desenvolvida em certas situações socioculturais, uma vez que variam por aspectos culturais, ou seja, marcas linguísticas de diferentes regiões e, para a escrita existe uma língua oficial, a linguagem formal.

Essa prática contribui para a aprendizagem da norma culta da língua a qual está relacionada à inserção em outras culturas, ou seja, é impossível falar que nunca houve variação, já que esse registro acompanha o processo de evolução da sociedade, assim como, a língua portuguesa, resultado de inúmeras modificações do latim. É neste segmento que o ensino precisa perpassar, demonstrando o valor social das variantes linguísticas, para uma apropriação dos discentes na prática de leitura e escrita em contextos formais de utilização da língua.

O professor deve estar constantemente diversificando a sua metodologia de ensino e as suas práticas pedagógicas no que diz respeito ao desenvolvimento da oralidade e da

escrita, precisa levar aos alunos práticas que contribuam com as habilidades e competências dos educandos em suas produções textuais. Os procedimentos para o processo da escrita precisam ser explicados e contextualizados, para que eles possam compreender que os textos de diferentes autores e tipos, compartilhados em sala de aula, devem ser seguidos como exemplo e não modelo, ou seja, não é fazer uma simples cópia, é “[...] ajudar seu aluno a utilizar, inventar e/ou adaptar as estratégias efetivas de criação textual.” (PASSARELLI, 2012, p.43).

### **3. Metodologia**

Para o presente estudo foi realizada uma pesquisa de campo a partir de uma abordagem quantitativa e qualitativa, com a coleta de dados referentes às possibilidades de abordagens da variação linguística no ensino de língua em produção textuais de alunos do oitavo ano do ensino fundamental, em uma escola da rede municipal de ensino da cidade de Surubim. A coleta de dados foi realizada com base no instrumento de produção textual (texto dissertativo-argumentativo) em sala de aula, a partir de interpretação de charges que abordam o uso da internet no contexto atual e como isso interfere nas rotinas das pessoas, correlacionando com um questionário sociocultural respondido por vinte e três discentes, para posteriormente ser realizada a análise para a discussão sobre diferentes aspectos relacionados à variação linguística presentes em suas produções textuais, bem como, análise do gênero adequado e estrutura do texto. Isso possibilita a interpretação e configuração do emprego mais adequado em um discurso. A pesquisa de campo segundo Gonçalves (2001, p. 61) a partir de uma consistente fundamentação teórica, ele assevera que:

A pesquisa de campo é o tipo de pesquisa que pretende buscar a informação diretamente com a população pesquisada. Ela exige do pesquisador um encontro mais direto. Nesse caso, o pesquisador precisa ir ao espaço onde o fenômeno ocorre ou ocorreu e reunir um conjunto de informações a serem documentadas [...].

A intencionalidade da pesquisa é discutir aspectos relacionados à variação linguística, a partir das relações entre oralidade e escrita com os usos formais e informais da língua, para a adequação da linguagem em textos escritos formais. É a partir de uma metodologia de ensino de forma sistemática e dialética que Passarelli (2012, p. 89) explica que o aluno compreenderá “a escrita como processo de produção entendido como um ato

de interlocução destinado a cumprir uma determinada finalidade, dentro de condições atreladas ao contexto discursivo.”

Para o procedimento de análise e interpretação de dados, será utilizado o emprego da linguagem adequada ao contexto situacional, já que todo discurso é uma construção social, construída por seus autores em uma sociedade e que só pode ser analisado a partir de seu contexto histórico-social e suas adequações de produção.

#### **4. Discussão dos Resultados**

De acordo com a análise das produções textuais de aluno do oitavo ano do ensino fundamental II e do questionário sociocultural, respondido por vinte e três educandos, foi possível analisar frequentes ocorrências de variações linguísticas nas produções textuais escritas dos alunos, resultado dos efeitos internos e externos da variação linguística. Para a dimensão externa, a qual corresponde a fatores extralinguísticos, em análise a variação regional ou diatópica foi observada a ocorrência dessa variação em trocas de fonemas com o alçamento das vogais médias com a elevação das vogais pretônicas as quais foram influenciadas por uma vogal na sílaba seguinte. Foi o caso, por exemplo, na troca dos fonemas /e/ pelo /i/ nas palavras ‘desesperado’ (desesperado), e em ‘malifício’, (malefício).

Essas variações linguísticas encontradas nas produções textuais escritas dos alunos ocorrem porque a língua é usada por falantes de diferentes grupos sociais, que dominam um mesmo sistema linguístico. Nesse sentido, o grau de intercâmbio social está diretamente relacionado às variações linguísticas recorrentes em condutas languageiras adotadas por comunidades linguísticas. Nesta concepção e com base nas informações sobre aspectos socioculturais dos discentes foi possível compreender a ocorrência de variante linguística na escrita, uma vez que a carência de inserção em outras culturas, assim como, a apropriação da leitura e escrita em contextos sociais de utilização da língua dificulta as competências linguísticas adequadas dos alunos, conforme gráfico a seguir:



**Gráfico1:** Análise do nível de leitura 8º ano “C”

Fonte: Elaborada pela autora (2019).

A partir do estudo correlacionado entre produção textual e informações socioculturais dos estudantes, a ocorrência maior de desvio da norma culta predominou naqueles estudantes que tem pouco acesso a práticas de leitura e escrita. Na troca, por exemplo, dos fonemas /l/ por /u/ na palavra ‘fauços’ (falsos), na troca do /o/ pelo /l/ na palavra ‘prelcupam’ (preocupam), etc., e na posição postônica, com marcas linguísticas a partir da elevação da vogal após a sílaba tônica pela troca dos fonemas /e/ pelo /i/ ‘hoji’ (hoje) e na troca do /u/ pelo /o/ na palavra ‘víros’ (vírus). Na troca do “e” pelo “i” em notações gráficas de algumas palavras está relacionada à ocorrência de neutralização fonológica.

Logo, essas marcas são variações regionais que ocorrem de acordo com o local onde vivem os falantes com diferentes culturas, hábitos e modos de falar, uma vez que são práticas sociais que predominam na fala e manifestam de alguma forma na escrita. Também é possível considerar os diferentes valores sociais a qual pertencem os estudantes, uma vez que eles não dispõem de um algum tipo de apoio escolar e quando sim, recebem alguma orientação apenas da família. Isso torna-se insuficiente para o desenvolvimento do aprendizado, já que a maioria das famílias concluíram apenas o ensino fundamental e o grau de escolaridade dos pais menos apresentado pelos discentes é a conclusão do ensino médio.

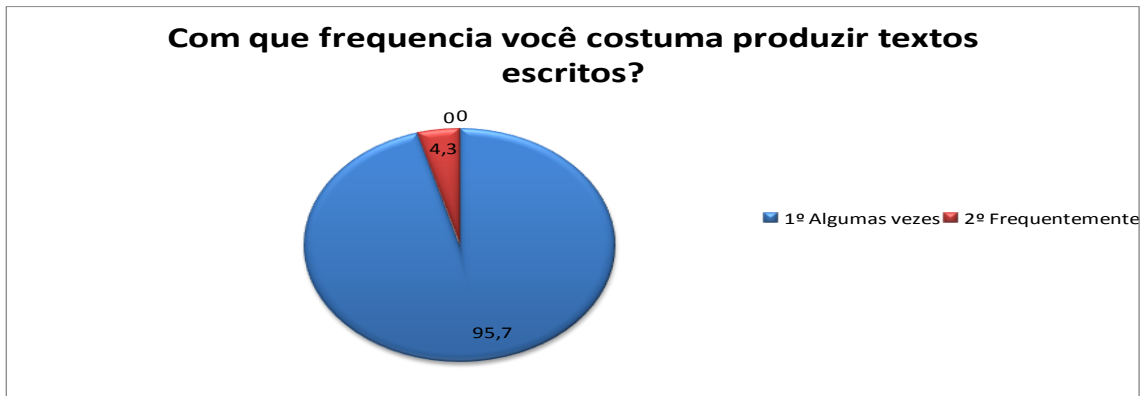
Ainda no campo da variação fonológica com a emissão de uma vogal entre as consoantes apresentada como epêntese vocálica, a qual inexistente na escrita formal, esteve

presente as palavras 'ritimo' (ritmo), 'feiknius' (fake news), 'saite' (site), 'dauloude' (download), 'tecinico' (técnico), 'desaine' (designe), 'internetete' ao invés de internet e 'gmail' ao invés de (gmail). São muitos os tipos de Variações no PB e, “[...] esses fenômenos são comuns nas línguas humanas e também nos ajudam a explicar a mudança fonética que se processou do latim as línguas vulgares, entre elas, o português.” (COELHO IZETE ET AL, 2010, p. 56).

Nos campos morfológico e sintático, houve a expressão escrita das palavras sem a marca de infinitivo no verbo, ou seja, a ausência do morfema 'r' nas realizações: curti (curtir), estuda (estudar), fala (falar), etc. Em outras situações foram registradas variações na relação entre pronome e verbo em desacordo, já que o pronome precisa estar concordando com o verbo.

Na variação social ou diastrática, em relação ao grau de escolaridade que os estudantes possuem, as variações analisadas foram algumas gírias com em 'jatô' ao invés de 'já estou', abreviação das palavras: pq (porque) e vc (você), net ao invés de 'internet', 'samigo' (os amigos), o uso 'pra', ao invés de (para) e 'agente' escrito junto em vez de separado, usado para referir-se ao pronome nós. O uso desses dialetos aparece com frequência na língua falada.

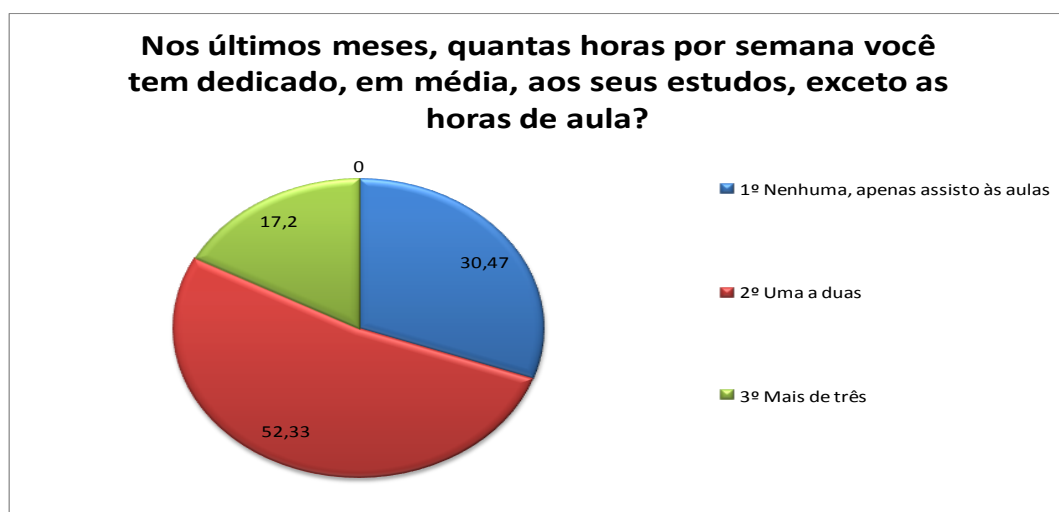
Com base nessas passagens é importante ressaltar que a ocorrência maior de variante linguística de uma norma culta por parte daqueles que se envolvem com atividades de leitura e escrita é menor. No entanto, os resultados são referentes a níveis de maiores e menores eventos de variação linguística na escrita. As decorrências são evidenciadas conforme gráfico a seguir:



**Gráfico2:** Análise da prática da escrita em textos escritos 8º ano “C”

Fonte: Elaborada pela autora (2019).

As diferenças linguísticas são reflexos de características sociais presentes na comunidade dos falantes. Esses fatores condicionantes acentuam, contudo, que variações e mudanças na fala podem manifestar variações e mudanças também na escrita. E com base nos dados dos alunos pesquisados eles apresentam certa insuficiência para a prática de leitura e produção de textos escritos, haja vista que apesar de estudarem em escola pública e a instituição oferecer de uma pequena biblioteca e, além disso, a maioria ter acesso à internet em suas casas, possibilitando o acesso de materiais construtivos a aprendizagem, a maioria dos avaliados frequentam algumas vezes a biblioteca e reservam poucas horas para se dedicarem ao estudo, conforme dados apresentados no gráfico a seguir:



**Gráfico3:** Análise de horas de estudo 8º ano “C”

Fonte: Elaborada pela autora (2019).

A partir da análise constatou-se o uso das gírias, por exemplo, em abreviação de palavras, a qual é possível relacionar esse comportamento a faixa etária, uma vez que a pesquisa foi realizada com jovens entre 13 e 15 anos, o que remete observar que a partir da compreensão de (COELHO IZETE et al, 2010, p. 81) ao realizar uma correlação entre faixa etária e variação/mudança linguística no indivíduo e na comunidade, significa dizer que o indivíduo pode mudar a sua língua no decorrer dos anos por diferentes fatores sociais, assim como, a comunidade ao qual pode refletir essa mudança. Essa realidade, contudo, promove a variação e, por sua vez a identidade do falante.

Na variação diafásica, houve grandes desvios na escrita de registros formais prevalecendo os informais. Isso não significa um desprestígio, uma vez que “[...] existe um continuum que perpassa situações de maior ou menor formalidade, correspondendo a registros mais ou menos formais, entre esses dois polos.” (COELHO IZETE et al, 2010, p. 82). No entanto, para um texto dissertativo argumentativo é preciso fazer o uso da norma culta da língua portuguesa para adequação ao tipo textual.

## **5. Considerações Finais**

A análise trouxe dados significativos em relação aos aspectos socioculturais da variação linguística, abordagens marcantes com a presença de variantes na escrita dos estudantes. Os fatores condicionantes precisam ser considerados como resultado de diferentes variedades da língua, e apenas uma língua nacional, características linguísticas que identificam os falantes de uma comunidade em diferentes regiões, podendo apresentar ainda variedades em uma comunidade, uma vez que, não existem variedades linguísticas fixas, mas possibilidades de diferentes variedades da língua a partir dos diferentes valores sociais e culturais dos falantes.

No entanto, foram empregadas palavras com morfologia e construções sintáticas que não corresponderam à estrutura da tipologia textual solicitada, dando margem à classificação da variação linguística nos níveis internos e externos da língua materna. Portanto, a escola precisa proporcionar o ensino da língua materna, contextualizando situações formais e informais de uso a luz dos variados gêneros e tipos textuais, proporcionando aos educandos domínio linguístico acerca do ensino de língua materna, oferecendo condições de uma formação de cidadãos críticos, conhecedores e

reformuladores de competências comunicativas para atuar de forma significativa na sociedade.

## Referências

BAGNO, Marcos. **Preconceito Linguístico o que é, como se faz**. São Paulo: Edição Loyola, 1999.

BRASIL, Ministério da Educação Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa**, Brasília, 1998.

COELHO, Izete Lehmkuhl et al. **Sociolinguística**. Florianópolis: LLV/CCE/ UFSC, 2010. 172 p.

DEUS, Regiene Arcanjo. Variação Linguística na Sala de Aula. **Web Revista Sociodialeto**.

Disponível em:

<<http://sociodialeto.ojs.galoa.com.br/index.php/sociodialeto/article/view/102>>. Acesso em: 01 nov. 2018.

GONÇALVES, Elisa Pereira. **Iniciação à pesquisa científica**. Campinas, SP: Editora Alínea, 2001.

KOCH, Ingedore Vilaça & Vanda Maria ELIAS. 2009. **Ler e escrever: Estratégias de produção textual**. São Paulo: Editora Contexto. 220 p.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Da fala para a escrita: atividades de retextualização**. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2001.

NEVES, Maria Helena de Moraes. **Que gramática estudar na escola?** 3. ed. São Paulo: Contexto; 2009.

PASSARELLI, Lílian Maria Ghiuro. **Ensino e correção na produção de textos escolares**. 1. Ed. São Paulo: Telos, 2012. 302 p.